



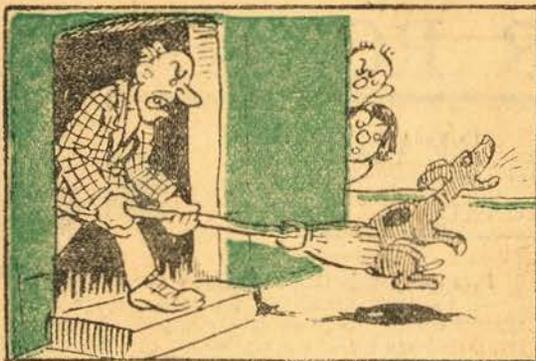
Director literario:  
*Albuquerque*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:  
*Marcollet*  
 PAPUSSE

# SERAPIÃO MAGALHÃES



Sarapião Magalhães  
 Tinha muito azar aos cães.



Zé Miudo e mais a Guida  
 Vão pregar-lhe uma partida.



À porta do Magalhães,  
 Aparecem dois mil cães...

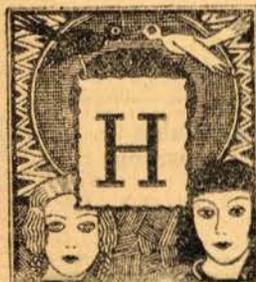
Mas nisto, ao ver tanto cão,  
 Danou-se o Sarapião.



## O NENUFAR ROSADO

POR MARIA BRANCO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



AVIA já longos, longos anos que, sobre a montanha de imaculadas neves, esta velhinha permanecia, resistindo milagrosamente aos cruéis invernos, de tempestades sem fim.

Apesar da lareira mal acêsa, da rude vida solitária, ela era o ente mais acolhedor do mundo inteiro. Os pastores e destemidos excursionistas, não mais esqueciam os deliciosos queijinhos de cabra e aquela esplên-

dida bróia torradinha e fôfa que ela repartia generosamente. Certa noite, alguém lhe bateu afritivamente à porta.

Trazido por dois guias, um rapazinho imberbe, arroxado e hirto, penetrou no seu humilde lar. Perdera-se na neve, e, vendo a noite chegar e uma avalanche escorregar de cume em cume, entorpecido de corpo e alma, caíra impotente e desalentado sobre o vasto lençol, gelado e branco. A boa anciã sorria... e a sorrir ofereceu a Rodolfo uma xícara de leite e mel. Os montanhezes voltariam a busca-lo na manhã seguinte. A noite, silenciosa e pura, envolvia o casebre. Já ao longe se perdia o som dos pifanos que os guias saíram tocando...

Sómente, então, a velhinha extraiu dum armário uma concha dourada, onde, em água cristalina, boiava o rosado nenúfar.

—E's o eleito pela Providência para salvar a minha filha das terríveis garras do monstro nubloso. Estava escrito que ele viria de noite, após uma avalanche. Resta-me a última prova.

Fixa esta rosada flôr e dize-me o que contempas.

—Representa uma linda princesa, que em sonhos me aparece e por quem, sem descanso, percorro montes e vales, arriscando a vida e a mocidade—respondeu Rodolfo.

—A tua juventude, empresta-te o arrebatado entusiasmo com que falas. Mas quererás, belo mancebo, sofrer muito por uma ilusoria visão?—preguntou ansiosamente a velhinha da montanha nevada.

—Não me sente corajoso e bom? Adivinha, por certo, que em meu sangue palpita o anseio do heroísmo e que meu peito alberga as mais puras ambições. De ha muito que vivo no belo sonho da justiça e todo o meu desejo, era percorrer o mundo em busca de aventuras.

Duas lágrimas brilhavam nos olhos cansados da velhinha

—Pois bem. Segue o teu destino e possa o teu futuro recompensar-te da grande felicidade que me ofereceste. Amanhã, quando o sol fizer brilhar de mil cores este monte gelado, desta casa e de mim própria não restará mais do que uma pedrazinha verde, que a neve esconderá e sumirá... Toma em tuas mãos, belo mancebo, o meu unico tesouro, a minha concha dourada, que contém a alma da Princesa Flôr Linda.

Rodolfo debruçou-se ainda sobre a água, que não reflectia mais a sorridente infanta.

Sómente o rosado nenúfar estremeceu levemente, como que um pequenino coração pulsando...

Nesse mesmo instante, toda a casa abaten e Rodolfo sentiu-se metamorfoseado em abelha-obreira, levando em suas mandíbulas a minúscula conchinha.



A manhã rompia, clara e fria.  
O insecto, olhava semi-cego os vales brancos de neve. Os pinhais e os zimbros pareciam molhados de calda branca de açúcar.

Onde iria ela encontrar refúgio? Voou, voou, atravessando montes gigantes de abruptos abismos, lagos maravilhosos e logarejos rústicos, donde vinham o som das campainhas de rebanhos, das flautas de pegureiros e doces e compassadas badaladas dos sinos de bronze. Era já quasi sol-pôr, quando se lhe deparou uma moita de alfazema. Sugou e lambeu os nectários das florezinhas acinzentadas e só depois de haver preenchido as suas bolsinhas de mantimentos, se atreveu a ir junto de uma grande colmeia que ali perto rumorejava.

Vendo aquella intrusa, que tentava entrar, as abelhas-guardas-avancadas, acercaram-se da pobresinha, o ferrão em riste.

—Deixem-me falar com a Rainha—supplicava Rodolfo. Riam lá do seu canto, os mandraças dos zangões, ao passo que as abelhas-varredouras, limpavam ativas e desembaraçadas o pavimento da entrada.

Certa abelha mais velha, as azas gastas e o corpo calvo, ponderou:

—Não se penetra assim no Palácio-Real. Mas transmita-me o seu pedido, que dum vôo o levarei à nossa soberana, agora muito atarefada com a alimentação das princezinhas larvas.

—Diga-lhe que venho do mandô da velhinha da Montanha Nevada,—respondeu o mancebo.

Enorme sussurro ecoou pelo cortiço. . . Todas as abelhas foram obrigadas a abandonar a colmeia, para a Rainha ouvir o segredo-da-abelha.

Rodolfo desprendeu de suas possantes mandíbulas a concha doirada, que depoz delicadamente junto do berço das ninfas-reais, que, mais brancas que os lírios, dentro de caixinhas bem fechadas, que se chamam alveolos, esperavam a hora de nascer. . .

—Tens aqui, Rainha-Mestra, a maior riqueza da tua cidade. Dentro desta conchiuha doirada, palpita a alma rosada da Princesa Linda-Flor. Preciosa reliquia, precisa ser guardada avaramente. Resguardá-la-has com uma camada de cêra, a fim de que nada a moléste. Dentro de dois meses estarei de volta, reclamando o meu tesouro. Ai de ti, da

tua colónia e da tua geração, se não souberes cumprir as minha palavras.

As antenas vibravam-lhe ativamente, mas a Rainha murmurou:

—«Parte em paz! As sentinelas que possuo, são destemidas e o meu reino é absoluto.»

De repelão, núvens de insectos redopiavam novamente adentro do palácio. Retomavam melódicamente as suas occupações e ao retirar-se, Rodolfo pôde já ver sepultada e adormecida a almasinha rosada da Linda-Flor.

Transpondo a saída do cortiço, Rodolfo sentiu desfalecerem-lhe as carnes. Num segundo, atormentado pela dor, nada atendeu. Voltando a si, reconheceu que se transformara em graciosa avesinha. Era agora uma delicada alveola e seria ela quem facilmente teria que lutar com o poderoso Abutre-Fulvo. Apoderar-se-ia de um dos seus refúgios.

Elevou-se tão alto, que as núvens andavam lá muito em em baixo dançando em roda. Encontraria aqui a grande ave. Efectivamente, ao longe, divisava-se já. De olhos faiscentes, as enormes ásas abertas, parecia immobilizado no azul celeste.

Cautelosamente, a alveola tornejou-lhe a cauda e certa e audaz, arrancou-lhe com o bico uma das suas compridas penas. Um pio agudo e a perseguição feroz. . . Mas a alveola sustentando a pluma vermelha, fôra novamente e cruelmente ferida. Desfalecera. Faltava-lhe terrivelmente o ar. Súbito, o contacto consolador da água salgada, fazia-o respirar e a vida voltava-lhe pouco a pouco. Mudado em peixe-voador estava, enfim, em pleno oceano onde nos confins dos mares, iria deffrontar o monstro nublado.

Atravessou colónias de corais, que são as belas filhas do murmurante mar, admirou os mais deliciosos coloridos de variados peixes até que, exausto, chegou a um oceano de águas escuras cujo fundo era coberto de conchas negras.

Ao norte elevava-se uma gigantesca arcaria, onde dois sinistros dragões, vomitando fumo e fogo, rondavam orgulhosamente.

Atemorizado, o peixe voador nadou alguns segundos à

(Conclui na 6.ª pag.)

# HISTÓRIA do

## “FOCINHO DE BOI”

POR VENTOINHA

Desenhos de Ed. Malta

CERTO rei velhinho,  
Pensando em morrer,  
Chamou seus três filhos  
Para lhes dizer :

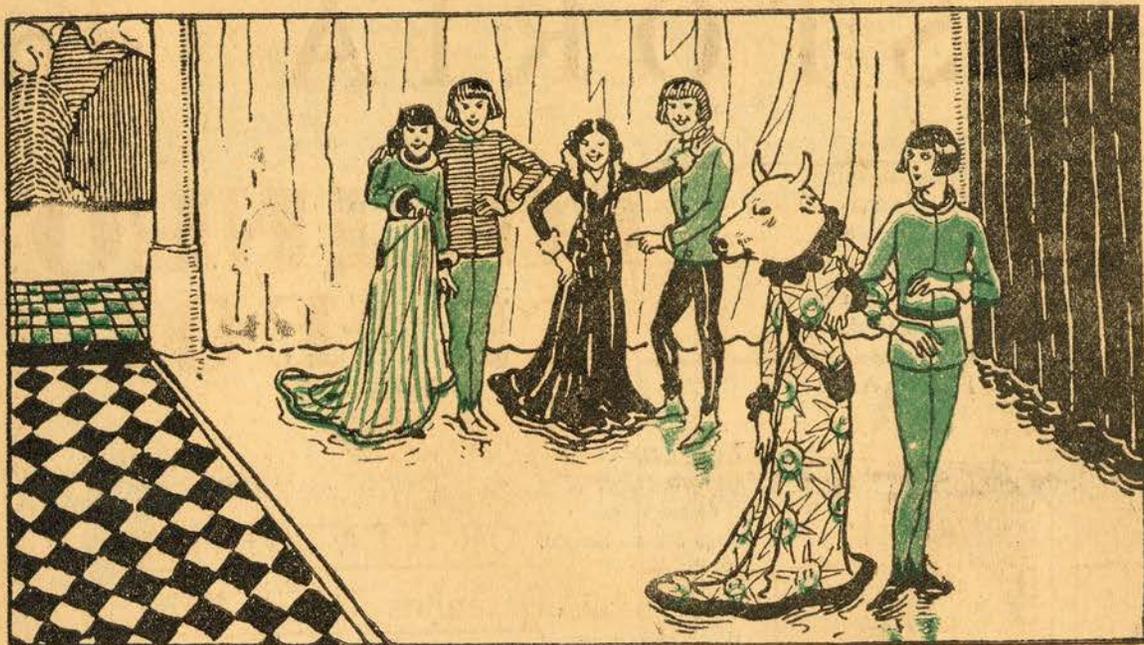
— «Deixarei meu trono  
Ao que me trouxer,  
Menina mais linda,  
Por sua mulher ! »

Logo partem todos  
Por vários caminhos  
E já noiva encontram  
Os dois mais velhinhos,

Porém o mais novo,  
Perdido na selva,  
Viu uma casinha,  
Ao longe, entre a relva.

Casinha exquisita  
Pois porta não tinha,  
E a ela encostada  
Corcunda velhinha.





Escondido e mudo,  
O príncipe ouvia,  
Tudo, tudo, tudo  
Que a velha dizia.

— «Solta o teu cabelo,  
Menina formosa,  
Pois que por subir  
Me sinto ansiosa!»

Então linda trança  
Saíu da janela,  
E a velha subiu  
Agarrada a ela.

Passado algum tempo,  
Tornou a apar'cer  
E por ela a velha  
Tornou a descer.

O príncipe, então,  
Chegando à casinha,  
Disse tudo, tudo  
Que ouvira à velhinha.

Subiu pela trança,  
Chegou à janela  
E mostrou desejos  
De casar com ela.

Embora a menina  
Dissesse que não,  
Cedeu finalmente,  
Deu-lhe a sua mão.

Montando a cavalo,  
Lá partem os dois...  
Mas assim ouviram  
Momentos depois:

— «Oh filhinha ingrata,  
Volta a linda cara,  
Para abençoar  
Beleza tão rara!»

Mas em vez da benção  
A mãe a fadou,  
E o rôsto em focinho  
De boi lhe mudou.

Chegando ao palácio,  
Focinho de boi  
Pelas outras noivas  
Troçadinha foi.

Então a Rainha  
Para exp'rimentar  
Qual das três melhor  
Sabia bordar,

Mandou que fizessem  
Três lenços bordados  
E que numa noite  
Fossem acabados.

Focinho de Boi  
Pôs-se a soluçar,  
Pois não tinha tempo  
Do lenço acabar!

Mas as outras noivas  
Nada se ralaram,  
Pois logo a correr  
Dois lenços compraram.

A' noite surgiu  
A' filha a velhinha  
E deu-lhe uma noz  
P'ra dar à Rainha.



Focinho de Boi  
 Não qu'ria apar'cer,  
 No dia da escolha,  
 Por tão feia ser.

Mas a mãe velhinha,  
 Então, lhe voltou  
 O feio focinho  
 E lhe segredou

— «Catalina minha,  
 Serás a escolhida;  
 Pois em cara linda,  
 Ficas convertida!

A' hora da escolha,  
 Num trono sentada,  
 A Rainha a olha  
 E fica encantada.

Focinho de Boi  
 Eleita princesa,  
 Além de formosa  
 Teve uma surpresa!

De dentro da noz  
 Safu um lencinho  
 Que era dos três lenços  
 O mais bonitinho!

Então o mais novo  
 Com ela casou,  
 E do pai velhinho  
 Logo o trono herdou.

Eis a linda história  
 Que a avó me contou  
 Há já muitos anos  
 E assim terminou!

## Continuação do conto O NENUFAR ROSADO

superfície das ondas. Jámais os peixes tentavam aproximar-se daquele inferno, sómente algumas ostras marinham audazes pelos rochedos próximos.

Contemplando o azul do céu, tão límpido, escutava ao longe certa barcarola da sua Pátria. Para o sul vogavam mansamente meia dúzia de barcos de vela. Entretanto, neste quadro de luz e de paz redemptora, a imagem de Linda-Flôr aprisionada por aqueles terríveis animais, encorajou-o à luta, e, sem reflectir, expeliu nervosamente jactos de água salgada nas fumegantes guelras dos dragões. Rolaram mortos. Os seus corpos gigantescos, emergindo à tona de água, chamaram a atenção dos pescadores. No fundo do mar um estouro imenso ribombou... O monstro nublado, disforme e negro, rebentara de raiva, vendo sobre o dorso do peixe voador a caixinha de vidro contendo, pequenina e gentil, a Linda-Flôr.

Mal as aguas se aquietaram em seu ritmado vai e vem, o mar cantou saudosamente:

Linda Flôr  
 Amôr,  
 Amôr,  
 Vais para a luz  
 Adeus, adeus,  
 A terra te seduz  
 Linda Flôr  
 Amôr  
 Amôr  
 Encantamento dos olhos meus.

E os barqueiros, tontos de espanto, recolheram religiosamente o cofresinho de cristal contendo a Linda-Flôr e que sobre o dorso dum peixe voador lhes apparecera subitamente...

Rodolfo, sofrendo de novo dolorosas transformações, conseguira reaver a conchinha doirada e montando na Egua da Fantasia depressa se encontrou em seus dominios. A sua ilha era um monte florido e o mar a seus pés raramente embravecia. Quando penetrou no palácio real o esquite de vidro, desfizera-se em pedacinhos. Os guardas que se encontravam na sala de armas, iam morrendo de susto vendo erguer-se, mais bela do que nunca, essa bonequinha extraordinária que certa tarde os barqueiros colheram do oceano e que, apavorados, tinham vindo oferecer ao rei.

Quando Rodolfo contou a maravilha, seus régios pais choravam de ternura, de emoção e de vaidade... (porque não!)

Todo o reino festejou ruidosamente o casamento do príncipe Rodolfo com a linda Bonequinha do mar.

Linda-Flôr sorria a toda a hora, e seus olhos verdes possuíam o poderoso condão de consolar as maiores desgraças.

Ora, quando após as festas, Rodolfo convidou Linda-Flôr a irem sobre a Montanha Nevada em busca da Velhinha-Mãe depararam ali com uma cestinha doirada contendo um lindo menino, em cuja mãozinha a esmeralda brilhava. Gravadas na pedra preciosa estavam os seguintes dizeres:

- A Bondade é a maior riqueza
- A Ternura o melhor consólo
- A Boa Vontade o mais belo tesouro.

Cantando e sorrindo desceram os noivos a montanha Branca que lhes oferecia o mais encantador presente: o seu menino, que chilreava alegremente, em sua canastrinha de ouro.

# HORA DO RECREIO



## Detalhes dum COPIÓGRAFO

O copiógrafo agradou bastante. Foi um sucesso!

Também não poderia suceder outra coisa, tratando-se de um aparelho tão útil.

Contudo, há sobrinhos que ainda o não compreenderam muito bem, outros que pedem mais detalhes e ainda alguns, que

o julgam muito difícil.

— A porção dos diversos productos, é variavel segundo o tamanho dos taboleiros.

Um taboleiro com 20X15 centímetros, leva as seguintes porções:

Gelatina	50 gramas
Glicerina	200 »
Água	100 »

**Importante** — A gelatina pode ser substituída por grude de carpinteiro mais barata ainda.

— Para apagar as letras do copiógrafo e pô-lo pronto a reproduzir novas provas, emprega-se água morna e uma esponja ou pano macio.

Se a massa se descolar em alguns pontos, põe-se novamente em lume brando (em banho-maria se for possível para não fazer bôlhas), deixando-se repousar como da primeira vez.

— O rôlo é muito dispensavel para quem não se importa de sujar os dedos...

— Posso-lhes indicar onde se encontra tinta de copiógrafo mais barata, mas não me encarrego de fazer remessas

— Também se podem adquirir taboleiros de copiógrafo prontos a servir.

— Os originaes deverão ser feitos em papel não passento, (almoço pautado, por exemplo) em cujas linhas se escreve.

— As gravuras, serão decalcadas em papel vegetal ou equivalente e colocadas no lugar respectivo do original.

**Importante** — A tinta deve secar muito bem antes de se pôr em contacto com a massa, mas não deve ficar para o dia seguinte.

Para reproduzir as provas, até papel de jornal serve.

Tenho muito interesse em ver as vossas obras...

Peçam mais coisas ao vosso amigo,

Rua do Seculo, 43 Lisboa

TIOTÓNIO

## PALAVRAS CRUZADAS

Solução dos problemas anteriores

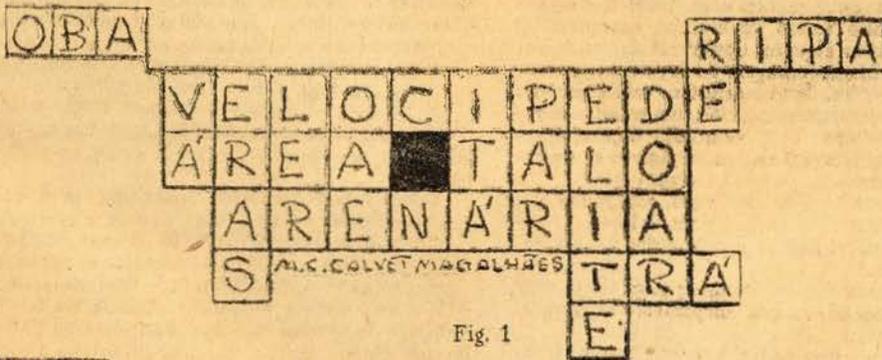


Fig. 1

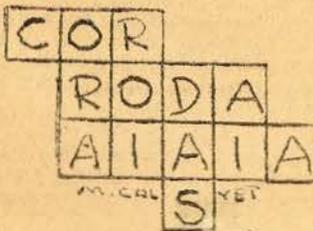
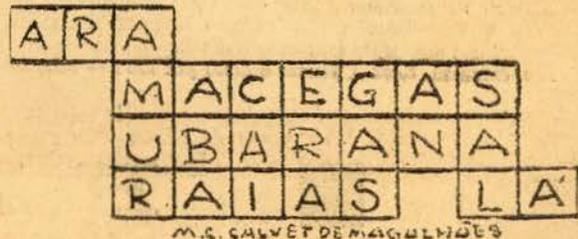


Fig. 2



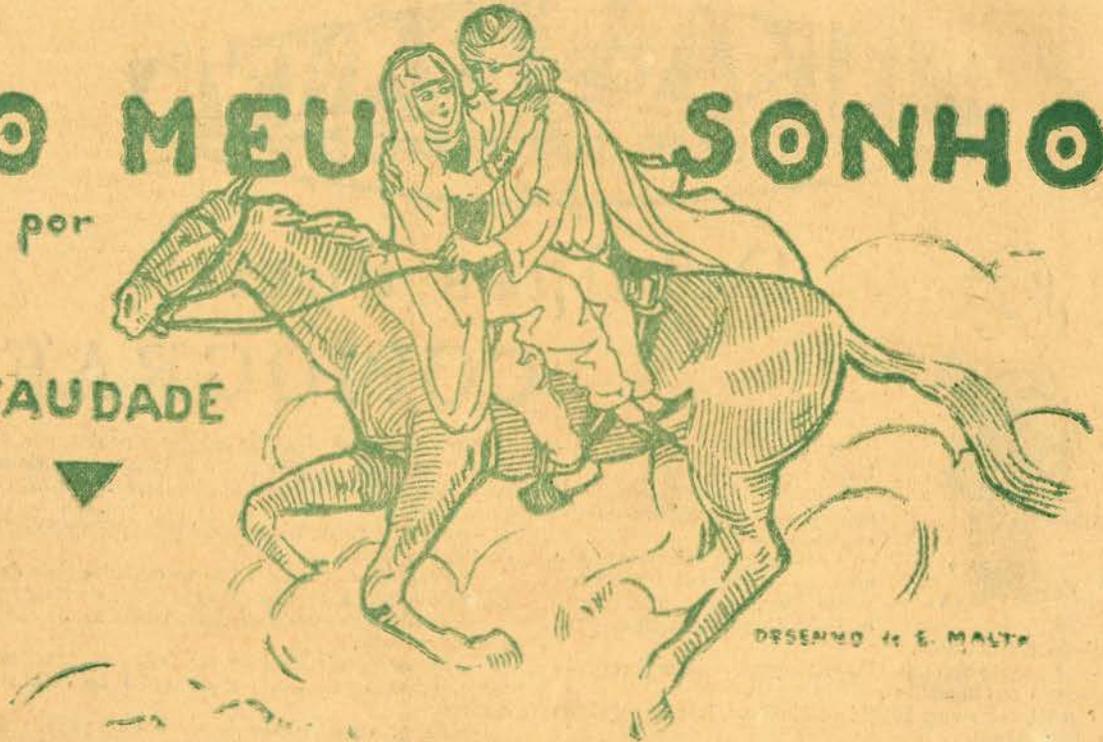
M.S. CALVET DE MAGALHÃES

Fig. 3

# ○ MEU SONHO ○

por

SAUDADE



DESENHO DE E. MALTA

**A** minha pequenina aldeia, sombreada de frondosas árvores, é um perfeito ninho de encantos!

Fica situada na Beira, num sítio aprazível e lindo!

Logo de madrugada os passarinhos, em câo, entoam canções melodiosas e suaves! Os ribeirinhos, correndo através dos vales, parecem murmurar mais alegres que os outros, a sua monótona canção! Como quasi todas as terras lá tem a sua históriinha de moiras encantadas. Talvez por isso eu tivesse este sonho que vou descrever.

Era uma noite linda de luar; no castelo, as moiras cantavam ao som de harmoniosas líras, canções dolentes que faziam vibrar de tristeza e saudade os corações de quem as escutava. No sino da torre soaram doze badaladas — era meia noite! — um vulto airoso de mulher apareceu cá fora como que a espreitar alguém. Cantavam ainda. A lua, agora encoberta pela densa folhagem do arvoredado, tornava mais curioso o panorama. Essa moira que veio espreitar, sentou-se num penedo e apareceu, então, um esbelto cavaleiro, de cabelos e olhos negros como a noite escura; aproximou-se dela e fitou-a por um momento. Apeou-se do cavalo e, ajoelhando ao lado da formosa moira, disse:

— «Sei que ha muito tempo vives aqui, esperando que alguém faça por ti alguns sacrificios para te libertares do teu encanto. Estou eu, portanto, pronto a dar até a vida, para te arrancar daqui.»

Ela olhou em redor, depois levantou para elle os seus lindos olhos cõr de esmeralda, que inspiravam esperança, sorriu e disse:

— «Uma velha criada que eu tinha encantou-me, invejosa, ao ver que meus pais me tratavam bem, e disse que só quando apparecesse alguém que me fizesse chorar, eu acabaria o meu fado. Tenho tentado arrancar dos meus olhos algumas lágrimas, mas tudo é inutil.

Ele calou-se, ficou a pensar e disse por fim: — «chora-

rás se tornares a ver algum ente que te foi querido?» — «Não sei!» respondeu a moira tristemente. — «Se visses o teu unico irmão, o irmão que te foi roubado, não chorarias ao menos de alegria por tornares a vê-lo?» — «Oh! se o pudesse ver, talvez chorasse. Eu amava-o loucamente, era elle bem pequeno ainda quando mo levaram para nunca mais o ver!... Era elle quem me defendia, (apesar de pequeno) das maldades que a velha me fazia. Oh? quero vê-lo, quero olhá-lo, ainda que seja de longe!» Neste desvario, começou a soluçar e caíram-lhe dos lindos olhos duas lágrimas que em silêncio rolaram pelas faces e foram pousar nas mãos do cavaleiro que estavam apoiadas nos joelhos da moira. — «Mas... quem és tu que sabes toda a minha historia?!...». Balbuciu ella entre soluços. Elle ergueu-se, abraçou-a e exclamou: Sou eu o teu irmão, o teu pequenino amigo que brincava contigo!...

Vem, seremos felizes e esqueceremos todo o passado.

A lua fugia e a aurora vinha surgindo...

Montou-a com todo o cuidado no cavalo e lá foram galopando, galopando, até desaparecerem nas curvas dos caminhos.

Era já dia, o sol começou a entrar, curioso, pelas janelas entreabertas do meu quarto e acordei.

Comecei a olhar tudo atentamente como para me certificar onde estava. Estava realmente no meu quarto e tudo aquilo tinha sido um sonho, uma ilusão!... Comecei ainda a fantasiar depois de acordada, a ponto de pensar que a minha terra era tão bella porque se tinham passado ali scenas curiosas.

Mas... foi sonho, foi ilusão, foram chimeras e fantasias, essas scenas que eu vi e observei... Nada disso ali se deu. Só o que não foi sonho, ilusão, chimeras e fantasias, foi a beleza e a doçura que sempre vi na minha querida aldeiazinha!...

■ F I M ■